REDE WAKYWAI

Saúde, Comunicação e Bem Viver

dos Povos Indígenas de Roraima

REDE WAKYWAI

Na língua do povo Wapichana, WAKYWAI significa nossa notícia ou a nossa história e constitui uma rede com cerca de 30 comunicadores de base, representando 9 etnorregiões do estado de Roraima, em articulação constante com o departamento de comunicação, do Conselho Indígena de Roraima (CIR).

Conselho Indígena de Roraima (CIR)

Coordenador-Geral CIR:
Edinho Batista de Souza (Macuxi)

Vice-coordenador:
Enock Barroso Tenente (Taurepang)

Secretária do Movimento de Mulheres Indígenas: Kelliane Wapichana

Coordenadora de Comunicação:
Márcia Fernandes

Fotojornalista:
Caíque Souza

Publicação:
Saúde, Comunicação e Bem Viver dos Povos Indígenas de Roraima

Organização da publicação:
Luana Luizy, assessora de comunicação (IEB); Ney Maciel, assessor Programa Povos Indígenas (IEB) e Márcia Fernandes (CIR)

Editoração: Coletivo 105

Tiragem: 1500 exemplares

Impressão: Athalaia Gráfica e Editora

Esta revista é possível graças ao apoio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) através do acordo número: 7200AA19CA00015. O conteúdo é da responsabilidade de seus autores e não reflete necessariamente a opinião da USAID ou do governo dos Estados Unidos.

Sumário

7. Editorial

8. Apresentação

10. Rede Wakywai: a nossa história

13. A importância da medicina tradicional para os povos indígenas: saberes tradicionais curando gerações

16. Saúde mental dos Povos Indígenas na pandemia

20. Rede Wakywai: comunicação indígena de resistência

26. A comunicação como uma estratégia de luta para os povos indígenas

29. Etnomídia Indígena: a revolução na comunicação e cultura digital

Géssica da Silva Alves
Povo: Macuxi
Região: Surumu
Comunidade:
Indígena Barro

Adysson Cristian

Povo: Macuxi
Região: Raposa
Comunidade: Jauari

Charleni Cruz Galdino

Povo: Wapichana
Região: Serra da lua
Comunidade: tabalascada

Cheila Manoel Carlos

Povo: wapichana
Comunidade:
Serra da Moça
Região: Murupu

Denilson José Braz

Comunidade: Guariba
Região: Raposa

Eliana Laise

Povo: Wapichana
Região: Amajari
Comunidade: Guariba

Eliane Isabela Tomás da Silva

Povo: Wapichana
Terra Indígena:
Tabalascada
Região: Serra da Lua

Erick Veríssimo Rodrigues da Silva

CIFCRSS
Povo: Ye kuana

Flávio Teixeira

Povo: Wapichana
Comunidade da Barata
Região: Tabaio

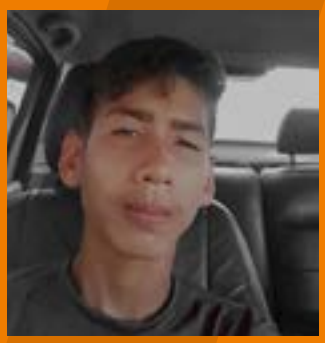
Heslen Alves da Silva

Povo: Taurepang
Comunidade: São Miguel
da Cachoeira

REDE WAKYWAI

Cíntia Laurentino

Povo: Macuxi
Comunidade: Pium
Região: Tabaio



João Paulo
Povo: Wapichana;
Comunidade:
Novo Paraíso
Região: Serra da Lua

Leandro da Silva de Oliveira

Povo: Macuxi
Comunidade: Barro
Região: Surumu

Maciely Paulino Lima

Povo: Macuxi
Comunidade: Camará
Região Baixo Cotingo

Elivanilda veleiro Pereira da Silva

Região: Raposa
Comunidade: Raposa 2

Nailson Almeida

Povo: Wapichana
Comunidade: Tabalascada
Região: Serra da Lua

Nayara da Silva de Souza

Povo: wapichana
Comunidade: Cachoeiri-
nha do Sapo

Paulo Ricardo Justino

Povo: Macuxi
Comunidade: Raposa

Jacir José de Souza

Povo: Macuxi
Região: serras
Comunidade: Maturuca

Perlatriz Souza

Povo: Macuxi
Região: Raposa
Comunidade: Cedro

Simone Clarindo Batista

Povo: Macuxi
Comunidade: Camará

Yury Santana

Povo: Macuxi
Região: Tabaio

Editorial

Fortalecendo as nossas redes

Por Enock Tenente Taurepang-
vice coordenador do CIR

Falar sobre as iniciativas de comunicação e fortalecimento que o CIR e suas 261 comunidades receberam foi de suma importância para nós. Nossa organização já vinha trabalhando com o departamento de comunicação há algum tempo, buscando formar comunicadores e descobrir maneiras de fornecer-lhes treinamento específico em linguagem clara e acessível às nossas comunidades.

O projeto "Redes de Comunicação Indígena: Tecendo Laços contra a COVID-19", em parceria com o IEB, vem atender a um plano de fortalecimento estratégico das comunidades indígenas, nascido dentro das próprias comunidades para combater a disseminação de fake news, que são comuns no meio virtual. O papel de fortalecer os comunicadores indígenas e fornecer-lhes uma poderosa arma de formação para ensinar-lhes onde buscar informações é de suma importância. As oficinas ensinaram como gravar um vídeo com uma liderança, como gravar um vídeo entre eles mesmos para falar sobre a COVID-19 e como registrar as atividades que acontecem nas comunidades.

Hoje, temos pontos focais dentro das comunidades que nos fornecem informações preciosas, que chegam muito rapidamente ao nosso departamento de comunicação, nos fortalecendo e ajudando a mostrar como a COVID-19 nos atingiu. Também nos ajuda a procurar meios e parcerias para superar as feridas que a COVID-19 deixou.

A cada dia, nos apropriamos mais da ferramenta de comunicação, levando informações verdadeiras por nós mesmos. Quando um pai, uma mãe, os mais velhos recebem essa informação de seus próprios filhos e netos, é uma segurança a mais, pois sabem que é uma informação confiável. Temos 30 comunicadores ativos e pretendemos aumentar esse número, fornecendo-lhes as ferramentas necessárias para eles, tendo um departamento de comunicação estruturado para atender a todas as demandas e informações que recebemos, que são repassadas às comunidades e parentes que estão lá.

O projeto NPI Expand veio nos fortalecer, fornecendo conhecimento e informação para que pudéssemos utilizá-los da melhor maneira possível para salvar vidas e impulsionar a formação de pessoas prontas para contribuir com nossa organização e movimento indígena.

Apresentação

A revista "Saúde, Comunicação e Bem Viver dos Povos Indígenas de Roraima", produzida pelos comunicadores da Rede Wakywai, com o apoio do Conselho Indígena de Roraima (CIR) e o Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), se insere no escopo de atividades do projeto "Redes de Comunicação Indígenas: tecendo laços contra a COVID-19", apoiado pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), uma Iniciativa de Novos Parceiros, Ampliando Parcerias em Saúde (NPI EXPAND), SITAWI (Finanças do Bem), Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB) e o Conselho Indígena de Roraima (CIR), que formam a parceria para apoiar a Resposta à COVID-19 na Região Amazônica brasileira.

Os povos indígenas de Roraima protagonizaram ações que foram fundamentais para conter o avanço do vírus nas comunidades indígenas do estado. Iniciativas encabeçadas pelo Conselho Indígena de Roraima (CIR), com a distribuição de Equipamentos de Proteção (EPIs), as barreiras sanitárias. Além disso, merece destaque o esforço do departamento de comunicação da entidade junto a Rede de Comunicadores Indígenas, a Rede Wakywai, no esforço de levar informações que combatessem as fake news nas comunidades.

Foram imensos os desafios e o impacto da pandemia na vida dos povos indígenas, além dos vírus nas comunidades, que tiravam a vida de muitas lideranças, pajés, as invasões nos territórios indígenas por garimpeiros e madeireiros não paralisaram, na verdade se intensificaram.

Assim, foram distribuídos informativos, cards, podcasts, na tentativa de informar os povos indígenas do estado sobre os efeitos até então do coronavírus. Desse modo, a presente revista objetiva contribuir como um registro de memória desse momento ímpar na vida dos povos indígenas, e também como uma ferramenta educativa e de conscientização da pandemia da COVID-19, dando visibilidade à luta dos povos indígenas e o protagonismo da Rede Wakywai de Comunicadores Indígenas, uma rede jovem, mas que já tem se mostrado potente e atuante, sempre em diálogo com os tuxauas (lideranças), de suas regiões

Como se verá nesta edição, os comunicadores produziram peças de valorização de suas práticas culturais, como a medicina tradicional, que teve um papel crucial para também fortalecer a saúde dos povos indígenas. Os comunicadores e comunicadoras indígenas hoje demarcam as telas, os espaços acadêmicos, estão nas universidades, nas comunidades junto aos seus tuxauas, compondo o movimento na juventude, continuando a luta de seus ancestrais. Desejamos a todos e todas uma ótima leitura!

Rede Wakywai de Comunicadores Indígenas

Rede Wakywai: a nossa história

A Rede Wakywai de Comunicadores Indígenas foi criada em 2019 pelo Departamento de Comunicação do Conselho Indígena de Roraima (CIR). "Wakywai" significa "Nossa Notícia" na língua Wapichana e o nome foi formalizado em 2020 pelos comunicadores, após a realização do primeiro seminário de formação, que aconteceu em janeiro do mesmo ano na comunidade Pium, na região de Tabaio.

Até o momento, a rede já formou cerca de 30 comunicadores indígenas em 10 regiões: Alto Cauamé, Amajarí, Baixo Cotingo, Murupú, Serras, Serra da Lua, Raposa, Surumú, Tabaio e Wai-Wai. Na época da criação da Rede Wakywai, o Departamento de Comunicação era coordenado pela jornalista indígena Ariene Susui e por Márcia Fernandes.

Atualmente, o departamento é coordenado pela jornalista wapichana, Márcia Fernandes, também integram Mayra Wapichana e Caique Souza.

Outros comunicadores fizeram parte da história da comunicação do CIR, como Aldenir Cadete, que fez imagens do ataque contra parentes indígenas conhecido como o ataque aos 10 irmãos, em 5 de maio de 2008 e Davison Buckley também fizeram parte da história da comunicação do CIR.

A Rede de Comunicadores surgiu da necessidade de divulgar as atividades desenvolvidas nas regiões e auxiliar as lideranças. Atualmente, existem comunicadores da Rede Wakywai em todas as regiões, exceto na região Yanomami.

MEDICINA TRADICIONAL INDÍGENA
REGIÃO SERRA DA LUA

A importância da medicina tradicional para os povos indígenas: saberes tradicionais curando gerações

Por Rede Wakywai de comunicadores indígenas

Com o avanço da pandemia de COVID-19 em todo o mundo, os povos indígenas foram forçados a encontrar formas de enfrentar a doença. Uma das respostas encontradas foi o uso da medicina tradicional para resistir frente ao crescente número de óbitos, sequelas e à rápida propagação do vírus.

Para minimizar os efeitos das sequelas causadas pelo coronavírus, os indígenas de Roraima afirmam que a produção de xaropes e pomadas oriundas de plantas medicinais e práticas tradicionais foram cruciais para enfrentar a pandemia.

"Quando a COVID-19 surgiu, ouvimos falar sobre ela na televisão e no jornal. Nós explicamos os sintomas e a importância do uso de máscara e álcool em gel, mas também enfatizamos a medicina tradicional, com a produção de remédios caseiros", disse Nilvânia Santos de Almeida, Agente de Saúde Indígena na Região Tabaio, em Roraima.

A medicina tradicional indígena constitui um conjunto de práticas e saberes que atravessam gerações e está fortemente relacionada a ancestralidade e a tradição, com a união da espiritualidade indígena como forma de contribuir para o autocuidado humano

Embora essas práticas ancestrais estivessem sendo pouco valorizadas, no contexto da pandemia, ela foi resgatada e fortalecida pelos povos indígenas. A valorização da medicina tradicional não significa a desvalorização da medicina ocidental. Pelo contrário, em Roraima, o enfrentamento à pandemia resultou em uma abordagem integrada, onde as práticas tradicionais e do sistema de saúde regular coexistem em benefício da saúde dos povos originários.

Nesse caminho, a comunicação e a disseminação de informações foram cruciais para o uso e também a preservação e valorização da medicina tradicional entre as comunidades. Nos processos de comunicação viram uma forma de disseminar informações sobre a utilização de plantas medicinais e as práticas tradicionais de cura.

A comunicação também atua como forma de valorizar esses conhecimentos, em um diálogo geracional, ressaltando a importância de uma medicina ancestral, que vem da floresta.

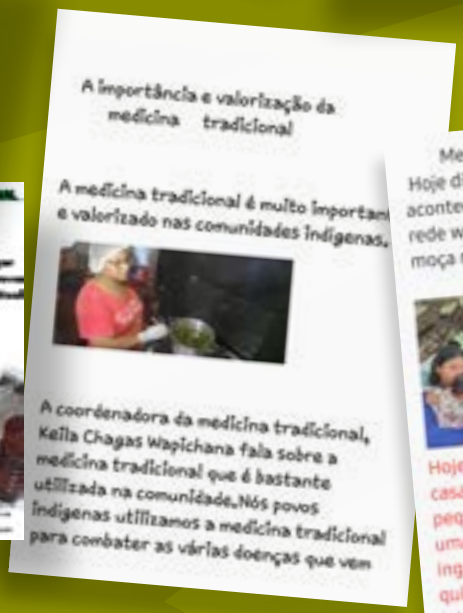
Confira abaixo as produções realizadas pelos comunicadores resultantes de uma oficina sobre Medicina Tradicional, na comunidade Serra da Moça, em 2022.

Comunicadores participaram da demonstração da produção de xarope em atividade na Serra da Moça

Produções realizadas pelos comunicadores resultantes dessa oficina

Xarope e bombons produzido

Hoje 26 de outubro de 2022 na comunidade indígena serra da moça terra indígena serra da moça aconteceu um encontro de troca de experiências onde teve a participação de 40 pessoas do povo macuxi ,wapichana,taurepang, das regiões amajari ,serra da lua ,murupu,surumu,serras,raposa, baixo cotingo,tabaio,são marcos entre eles jovens mulheres homens contou com a participação do coordenador geral do conselho indígena de roraima Edinho macuxi e a coordenadora estadual da juventude raquel wapichana e o acessor erdinelson macuxi e a coordenadora


A importância e valorização da medicina tradicional

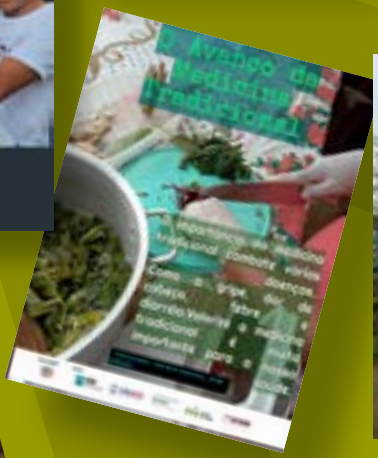
A medicina tradicional é muito importan e valorizado nas comunidades indígenas.

A coordenadora da medicina tradicional, Keila Chagas Wapichana fala sobre a medicina tradicional que é bastante utilizada na comunidade.Nós povos indígenas utilizamos a medicina tradicional para combater as várias doenças que vem

Medicina tradicional

Hoje dia 26 de outubro de 2022 aconteceu a oficina dos comunicadores da rede wakywai na comunidade serra da moça na região murupu .

Hoje Tivemos uma pequena palestra na casa da coordenadora Keila ela fez uma pequena demonstração de como produzir uma xarope da covid 19 , o principais ingredientes pra fazer um xarope é quinaquina ,saratudo, boldo ,casca de jatoba ,acrião ,limão, gigibre e alho, açúcar e o mel .Levar 2 hora pra cozinhar .



Saúde mental dos Povos Indígenas na pandemia

Por Eterniza Pereira André, do povo Macuxi/ Psicologia/ CRN 20-09967

O Conselho Indígena de Roraima (CIR) iniciou a realização de ações e atendimentos psicológicos desde o início do ano de 2020, com ações de conscientização sobre saúde mental nas comunidades indígenas, abordando diversas temáticas: como a importância dos rituais culturais de cada povo, que fortalecem o estado espiritual e mental. Explanando também, questões de violências doméstica contra mulheres, abuso sexual com crianças e adolescentes, suicídio, ansiedade, depressão, gravidez na adolescência, e devido a invasão do não-indígena nas terras indígenas, retratamos também sobre o uso e abuso de álcool e drogas.

Com a chegada da pandemia da COVID-19, além de aumentar essas problemáticas, houve novos sofrimentos psicológicos, emocionais e espirituais nas populações indígenas. Diante deste cenário, o Conselho Indígena de Roraima (CIR) intensificou a assistência psicológica, atendendo de forma individual as famílias que foram afetadas pela perda dos entes queridos e também que tiveram sequelas graves devido à difícil recuperação causada pela infecção do COVID-19.

Diante da realidade atual a falta de assistência psicológica e da omissão do poder público em prestar a assistência básica de saúde e acompanhamento adequado com as famílias indígenas, nós, como organização que representamos os povos indígenas de Roraima, nos preocupamos em continuar com a execução de ações que amenizam e contribui para diminuição do sofrimento psicológico dos povos indígenas de Roraima.

Com a quebra do ritual de despedida, as famílias tiveram dificuldade maiores para lidar com a perda do ente querido, vítima da COVID-19. Pois, na cultura indígena, realizar o ritual de despedida é um processo importante, ao ser realizado contribui para que as famílias consigam lidar com a perda e com o processo do luto de forma mais tranquila. Porém, devido aos protocolos a serem seguidos, não estava sendo possível realizar o ritual de despedida, e os rituais fúnebres. Por tanto, esse foi um dos principais fatores que afetaram a saúde mental das famílias, causando inseguranças, medo, pavor, preocupação exagerada, síndrome do pânico, insônia, ansiedade, depressão, automutilação e tentativas de suicídios. As mortes repentinas, de lideranças, professores e anciãos causaram dor coletiva em todas as comunidades, o fato de não poder velar e enterrar o ente querido na comunidade, causou indignação, revolta, comprometendo a saúde mental e o adoecimento psicológico.

O isolamento social, também foi o fator que afetou a saúde mental das famílias, pois as famílias indígenas jamais teriam enfrentado uma situação como essa, houve a mudança drástica na rotina, o costume de se reunir todos os dias e compartilhar a cuia de caxiri, a bebida cultural, a dança e oração coletiva foram suspensas. Os idosos apresentaram resistência e tendo dificuldade para entender sobre o isolamento social, passando a adoecer psicologicamente. Os jovens foram afetados e enfrentaram tamanha dificuldade de lidar com a situação delicada, o número de jovens com ideação suicida, automutilação, ansiedade e depressão, aumentou de forma significativa.

O medo de ser infectado e não resistir, causou desespero nas famílias. Todos esses fatores além de afetar o estado psicológico das pessoas, afetou diretamente a alimentação, o sono, ou seja, prejudicou o estado físico, afetando o sistema imunológico, os deixando vulneráveis às doenças oportunistas e principalmente a infecção do coronavírus.

Ao intensificar a assistência psicológica, foi ofertado a escuta qualificada, realizado intervenção com as famílias, mediando para que pudessem elaborar o luto conforme os ritos culturais, foi feito o acolhimento a cada interpretação das famílias indígenas em relação a pandemia. A assistência psicológica continua sendo realizada com ética e respeito com o modo de viver e cultura de cada povo, com o intuito de proporcionar o bem estar psicológico e fortalecer as estratégias de cada família no enfrentamento da pandemia, conscientizando e prevenindo contra o adoecimento psicológico.

A assistência psicológica, durante a pandemia, foi realizada no formato online, com as pessoas que estavam infectadas do coronavírus. No formato online, foi através dos aplicativos de meet google e whatsapp, com ligação de voz, chamada de vídeo e mensagens. Os atendimentos presenciais, por sua vez, foram realizados nas comunidades, em locais abertos e ventilados, debaixo de árvores, tendo todos os cuidados possíveis, com o uso de máscaras e também álcool em gel.

No período de 2020 a 2022 foram atendidas famílias indígenas, entre crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, totalizando em 5.342 famílias. Foram realizados 1.026 atendimentos no formato online; 861 atendimentos com as famílias que estavam em recuperação em Boa vista-RR, e 3.463 nas comunidades indígenas, das regiões Serras, Serra da Lua, Tabaio, Alto cauamé, Baixo cotingo, Surumu, São Marcos, Murupu e Raposa.

Rede Wakywai: comunicação indígena de resistência

Por Mayra Wapichana[1]

Em janeiro deste ano, o Conselho Indígena de Roraima (CIR) celebrou 50 anos de união, luta, resistência e conquistas. Uma celebração que marcou o princípio de uma luta desde o ano de 1971, ano da primeira "Assembleia dos Tuxauas", realizada na antiga Missão São José, atualmente, Centro Indígena de Formação Cultura e Raposa Serra do Sol (CIFCRSS), na região Surumu - Terra Indígena de Raposa Serra do Sol, como contam as primeiras lideranças indígenas que participaram desse processo de criação do Conselho.

Durante a celebração, que aconteceu em janeiro de 2023, no Centro Regional Lago Caracaranã, com a presença de aproximadamente 3 mil participantes, foi notável, de forma inédita, a presença de jovens comunicadores e comunicadoras indígenas da Rede Wakywai, cobrindo o maior evento político, social e cultural dos povos indígenas de Roraima.

Foi momento de celebrar a conquista de uma organização social composta por agentes fundamentais na atuação cotidiana das comunidades, como os Agentes Territoriais e Ambientais Indígena (ATAI), Operadores Indígenas em Direito, Agentes Indígenas de Saúde (AIS), Agentes de Prevenção e Combate aos Incêndios, entre outros, também os comunicadores e comunicadoras indígenas, identificados com crachás, camisas, equipamentos audiovisuais (fotografia e vídeo) e seus pertences culturais, cocares, pinturas e espiritualidade.

Mencionar os 50 anos é também lembrar a trajetória dos comunicadores indígenas, desde a atuação do setor de comunicação do CIR, até a recente criação da Rede denominada Wakywai, que na língua Wapichana significa - "nossa notícia", como instrumento de luta dos povos indígenas. Digo que, sempre fomos notícia e, hoje, produzimos a nossa própria notícia. É nessa conjuntura que a Rede Wakywai cada vez mais se amplia, fortalece e se faz presente nas comunidades e no movimento indígena de Roraima, produzindo a própria notícia.

Criada durante o I Seminário de Comunicadores Indígenas de Roraima, promovida pelo Conselho Indígena de Roraima (CIR), no mês de janeiro de 2020, na comunidade indígena Pium, região Tabaio, no município de Alto Alegre, a Wakywai, é composta por 30 comunicadores, abrange 10 regiões e contempla os povos: Macuxi, Wapichana, Patamona e Ye`kuana. Desde essa primeira atividade, a Rede passou por várias formações e capacitações nos últimos dois anos, na área audiovisual, produção de texto, redes sociais, além da formação de lideranças indígenas.

Comunicador distribui informativo sobre COVID-19 na celebração de 50 anos CIR

É muito gratificante contar um pouco dessa trajetória, a qual faço parte, desde dos primeiros contatos direito na organização em 2005. Foi a partir de uma oportunidade no setor de comunicação do CIR a minha formação superior em Comunicação Social - habilitação Jornalismo e, hoje, tendo a incrível oportunidade de contribuir mais e melhor com a comunicação indígena em Roraima, na Amazônia e no Brasil. Desse espaço, tive a oportunidade de compor a equipe de comunicação da primeira deputada federal indígena do Brasil, Joenia Wapichana, atuando no período de 2019 a janeiro de 2023, na Câmara Federal. Isso mostra, o quanto nós, comunicadores e indígenas, também podemos alcançar outros espaços de atuação e estratégia política.

Pelo poder de incidência política, social e cultural, associada ao processo de produção de conteúdo direito das comunidades indígenas, com denúncia de violação de direitos, atividades na área da sustentabilidade, cultural, saúde, educação e meio ambiente, além do cotidiano comunitário, como reuniões, assembleias e demais ações internas das comunidades, a Rede Wakywai é um instrumento de luta dos povos indígenas.

Falar da Rede é também fazer uma memória ao processo anterior, com a atuação de comunicadores indígenas, como Davison Buckley, do povo Wapichana, da comunidade indígena Pium, que atuou no setor de comunicação do CIR até 2005, junto com o jornalista André Vasconcelos, e outros, cujas trajetórias foram marcadas por coberturas de acontecimentos históricos, tanto de conquistas, mas também de violência, ataques e perseguições contra os povos indígenas de Roraima, principalmente no período de demarcação das terras indígenas em ilhas e contínuas, como foi o caso da Terra Indígena Raposa Serra do Sol, homologada em 2005.

No mesmo grupo de comunicadores, que já fazia a comunicação indígena em defesa da luta, também menciono, Aldenir Cadete de Lima, povo Wapichana, da comunidade Canauanim, autor do vídeo do ataque no dia 5 de maio de

2008 na comunidade indígena denominada 10 Irmãos. O ataque ocorreu durante a ocupação de uma área na região do Surumu, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol, quando jagunços do ex-fazendeiro e vice-governador, Paulo César Quartiero, atacaram os indígenas em pleno trabalho comunitário. Até hoje, esses irmãos sentem a dor e as marcadas desse dia.

O CIR, organização pioneira na área de comunicação em Roraima e quem sabe no Brasil, sendo a única a ter essa estrutura comandada pelos próprios profissionais indígenas, sempre utilizou a comunicação como estratégia de luta em defesa dos direitos e canal de visibilidade da diversidade cultural e organização social e política dos povos indígenas. Nesse contexto, ao longo dos anos buscou parcerias para capacitar e fortalecer a comunicação indígena, como foi a parceria com a entidade Vídeo nas Aldeias e o Ministério da Cultura, que atuaram no campo audiovisual, além dos atuais, como a Fundação Ford, Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), Natureza Cultura Internacional (NCI) e outros parceiros que investem na capacitação em diferentes meios de comunicação, como redes sociais, site, boletins informativos, vídeos e fotografias. É uma dedicação coletiva para aprimorar cada vez mais a atuação dos comunicadores indígenas em suas bases e na própria organização.

Como indígena, comunicadora, jornalista e testemunha, ocular e de vivência dessa trajetória, atuando de 2005, quando comecei a atuar no setor de comunicação, sem ainda ter tido nenhuma formação específica, acompanho e participo com muito orgulho desse avanço da comunicação indígena que segue a mesma tendência de outras importantes redes que se tornaram referência na Amazônia e no Brasil, como a Rede de Comunicadores Indígenas da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), Rede Wayuri da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), Mídia Indígena, Radio Yandê e outras que fazem parte dessa revolução da comunicação indígena e viral nas plataformas virtuais. Ou seja, hoje, temos uma comunicação indígena muito mais presente, embora tenha sempre existido em diferentes formas, como na própria oralidade e escritas das antigas lideranças indígenas que já levavam ao mundo a voz e a realidade dos povos indígenas.

Jornalista e coordenadora do departamento de comunicação do CIR, Márcia Wapichana

Comunicadores realizam a cobertura dos 50 anos do CIR

A comunicação indígena é real, não somente nas organizações e movimento indígena, mas em diversos setores que dão preferência aos comunicadores indígenas. Isso é um avanço importante, pois quebra barreiras e abre espaços para novas vivências, aprendizados e oportunidades.

Comunicadores usam a tecnologia em defesa dos direitos indígenas

Em Roraima, temos um desafio enorme rumo aos próximos 50 anos de união, luta, resistência e de conquistas. O desafio de ter os próprios canais de comunicação e à serviço dos povos e suas bases. Fazendo-se presente no desenvolvimento social, cultural e político das comunidades indígenas.

Enquanto isso, é manter e avançar em uma comunicação indígena, diferenciada e cada vez mais aprimorada, capaz de enfrentar a diversidade de um Estado com uma população de mais de 70 mil indígenas, 46% somente terras indígenas, 10 povos diferentes e uma realidade peculiar, contraditória de um Estado consideravelmente indígena. Um Estado que nos últimos meses originou a maior crise humanitária do Brasil, com a situação de saúde do povo indígena Yanomami, acometido pela invasão do garimpo ilegal que deixa rastros de destruição em todos os níveis, e afetando não somente o território Yanomami, mas outras Terras Indígenas em Roraima. Um Estado em que parte da sociedade local, lamentavelmente, fomenta o ódio, racismo e discrimiação contra os povos indígenas.

Mas isso não é o principal fato da notícia, pois desde a colonização, há 523 anos, essa violência e tentativa de extermínio dos povos indígenas existe. O que podemos considerar é a forma como nós, povos indígenas, conseguimos resistir, existir e enfrentar cada novo episódio de luta e nesse contexto, a comunicação indígena vai além de um canal de difusão ou divulgação dos fatos, também é canal de construção, reafirmação e de resistência.

[1] Mayra Celina da Silva Pereira, pertence ao povo Wapichana, comunidade indígena Malacacheta, região Serra da Lua - município de Cantá. Formada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Atuou na Assessoria de Comunicação do CIR - 2005 a 2008 e 2013 a 2018 e como assessora de comunicação da Deputada Federal, Joenia Wapichana - 2019 a 2023.

A comunicação como uma estratégia de luta para os povos indígenas

A comunicação indígena é uma ferramenta que ao longo dos anos passou por inúmeras modificações, principalmente quando se trata das mediações pelas plataformas digitais.

Por Ariene Susui, jornalista e a primeira indígena mestre em comunicação no Brasil

A comunicação sempre esteve presente desde os primórdios da existência de nossos povos, através de rituais, cantos, pinturas, desenhos e oralidade, que são marcas desse tempo. No entanto, em um tempo muito rápido, o que estava caminhando em passos largos teve que ser encurtado, pois o mundo entrou em colapso devido à pandemia que dizimou milhares de pessoas em todo o mundo. Os povos indígenas também foram afetados diretamente, sem um plano de emergência e sem nenhuma assistência dos órgãos públicos, vivenciando um momento crítico.

A internet se tornou o principal espaço de trabalho em todo o mundo e, nesse contexto, os comunicadores indígenas tiveram que entrar em ação rapidamente nos territórios. Com a morte de lideranças indígenas e a disseminação de fake news, não havia tempo a perder. Era preciso levar informações sobre o novo coronavírus e os cuidados necessários aos povos indígenas, além de notificar as mortes que estavam sendo subnotificadas pelo poder público.

A comunicação indígena se tornou um dos principais mecanismos para salvar vidas nos territórios, uma batalha digital para que a história dos povos indígenas resistisse nesse tempo sombrio. As lideranças indígenas começaram a usar essa ferramenta para denunciar ao mundo os riscos que estavam enfrentando, a falta de apoio e as violações dos direitos humanos. Centenas de jovens, mulheres e líderes ocuparam as redes sociais com o objetivo de falar sobre os ataques, as mortes e as invasões nos territórios. Além da pandemia, havia outro fator de alto risco para os povos originários: Jair Bolsonaro estava no poder, um anti-indígena declarado que nem mesmo na pandemia freou suas tentativas de retirada de direitos indígenas. Pelo contrário, suas falas levaram centenas de criminosos a invadir territórios indígenas para garimpar, desmatar e transformar o que era considerado crime ambiental em algo legalizado.

O ciberespaço foi ocupado por ativistas indígenas levando suas vozes ao Brasil e ao mundo, e a comunicação indígena se tornou protagonista dessas narrativas. Uma das iniciativas importantes foi a criação da Rede Wakywai. Jornalistas indígenas passaram a ser vistos como fundamentais nas organizações indígenas, levando a comunicação a um patamar muito importante e necessário como ferramenta na luta coletiva em defesa dos direitos indígenas.

Comunicadores da Rede realizaram a cobertura dos 50 anos do CIR, no Centro Regional Lago Caracaranã

Esta abordagem tem impacto em diferentes áreas, como os empreendimentos indígenas, nos setores de comunicação, entretenimento e práticas culturais e educacionais em meio analógico e digital indígena.

Etnomídia Indígena: a revolução na comunicação e cultura digital

Por Anápuàka Muniz Tupinambá Hã hã hãe, comunicador e fundador da Rádio Yandê, primeira rádio indígena do Brasil

A Etnomídia Indígena é um conceito etno-comunicacional pensado e criado por mim Anápuáka Muniz Tupinambá entre 2000 e 2009. Com diversas reflexões sobre seus usos até os dias atuais, este conceito busca impulsionar e promover a visibilidade e valorização das culturas e sociedades indígenas, além de criar novas oportunidades em setores aos quais os povos indígenas estavam excluídos por causa do racismo e tutelas. Sou reconhecido como o maior especialista em comunicação indígena e empreendedorismo indígena do Brasil e internacionalmente, pois tenho sido um laboratório prático para a comunicação indígena há mais de uma década, sendo um beta tester da Etnomídia Indígena.

Anapuaká Tupinambá (Rádio Yandê) e Márcia Fernandes (CIR) em encontro da Rede Wakywai na comunidade Serra da Moça (RR), outubro de 2022

A Etnomídia Indígena é uma forma de comunicação que utiliza a tecnologia digitais e analógicas para divulgar as culturas, as histórias, as línguas e as tradições dos povos indígenas, de maneira autêntica e fiel às suas identidades culturais. Essa forma de comunicação é baseada em valores éticos, estéticos e políticos dos povos originários, que respeitam as diversidades culturais únicas de cada nação indigena, a participação coletiva, a autodeterminação e a sustentabilidade.

"A etnomídia criada por um povo indígena não funciona para outro povo indígena. Isso ocorre porque a linguagem comunicativa de cada povo está conectada à sua história, cultura, costumes e tradições. Embora as culturas sejam flexíveis e mutáveis, a linguagem comunicativa étnica estará sempre em constante mudança e evolução. Somente os próprios povos indígenas podem criar e aplicar a etnomídia indígena em usos práticos, utilizando elementos primários como culturas, memórias, histórias, patrimônios, linguagens e ferramentas de comunicação."- Anápuàka M. Tupinambá Hã hã hãe

Em 2012, depois de uma viagem para ensinar sobre comunicação indígena na Baía da Traição, o conceito foi rejeitado por uma professora não indígena de um projeto acadêmico da Universidade de Brasília, que queria que eu ensinasse a usar equipamentos, e não a pensar a comunicação indigena. Decidi então criar um protótipo, nasce a RÁDIO YANDÊ, a primeira empresa de mídia étnica do Brasil aplicando a etnomídia indigena, que é uma web rádio indígena, junto com outros indígenas. Algumas pessoas disseram que não daria certo, mas já se passaram 10 anos desde então.

A Rádio Yandê é uma plataforma online que transmite programas de rádio produzidos pelos povos indígenas em suas próprias línguas e perspectivas culturais. Ela promove a diversidade cultural, a participação coletiva e a autodeterminação dos povos indígenas, e cria oportunidades para o empreendedorismo indígena na área de comunicação e cultura digital.

A missão da Rádio Yandê é promover a comunicação entre culturas indígenas e a sociedade, valorizando tradições e conhecimentos dos povos originários. A rádio é um exemplo de como a Etnomídia Indígena pode ser uma

ferramenta poderosa para a inclusão, políticas indígenas, formação comunicacional e lutas contra preconceito e discriminação.

A Etnomídia Indígena é uma forma de resistência e combate ao racismo estrutural no Brasil, permitindo que os povos indígenas ampliem suas vozes e visibilidade em um mundo globalizado. Através da Etnomídia Indígena, os povos indígenas podem contar suas próprias histórias, reafirmar suas identidades étnicas, culturais e sociais, e defender seus direitos territoriais e ambientais sem intermediários não indígenas.

Em resumo, eu, Anápuáka Tupinambá, atuo como protagonista na área de comunicação e cultura digital indígena, buscando abordagens inovadoras e tecnológicas para compartilhar erros e acertos, dar mais visibilidade e amplificar as vozes dos povos indígenas. Meu objetivo é promover uma comunicação mais autêntica, inclusiva e autônoma no Brasil e América Latina. Em breve, teremos muitas novidades na área de etnomídia indígena 3.0.

> “Seja um bom ancestral hoje.”

Redes de Comunicação Indígena: Tecendo Laços contra à COVID-19

A "NPI EXPAND Brasil: Resposta à COVID-19 na Região Amazônica Brasileira" é uma iniciativa que engaja organizações da sociedade civil (OSCs) em parcerias estratégicas para alavancar soluções inovadoras para fortalecer a resposta rápida a emergências e ao combate a COVID-19.

Em Roraima, o projeto desenvolveu várias reuniões entre profissionais da saúde e suas comunidades para o enfrentamento à COVID-19; promoveu a formação e intercâmbio de comunicadores indígenas, instrumentalizando-os para apoiar o combate ao coronavírus; distribuição máscaras, testes rápidos e kits higiênicos aos indígenas, além de apoiar a elaboração e distribuição de materiais informativos sobre a pandemia.

Também com apoio do projeto, aconteceu o encontro da Rede de Comunicadores da Rede Wakywai, na Terra Indígena Serra da Moça. O encontro, que aconteceu em outubro de 2022 contou com a participação de cerca de 30 comunicadores das regiões Serra da Lua, Tabaio, Murupú, Serras, Raposa, Baixo Cotingo, Surumú, Amajarí e São Marcos, além de representantes do Centro Indígena de Formação e Cultura Raposa Serra do Sol (CIFCRSS), representou um importante momento de discussão sobre etnomídia indígena; redes de comunicaçãoe também sobre o papel da medicina tradicional indígena, com seus saberes geracionais e sobre a importância dos jovens se apropriarem desse conhecimento.

Este conjunto de ações - entre as quais está esta publicação se insere - contribuiu para que os comunicadores indígenas pudessem construir informações precisas e oportunas sobre a pandemia da COVID-19 e fazer com que elas chegassem às comunidades indígenas e, assim, colaborar para que os povos indígenas de Roraima atravessassem este crítico período da pandemia da COVID-19 mais fortalecidos.

USAID
NEW PARTNERSHIPS INITIATIVE EXPAND
sitawi
IEB
Conselho Indígena de Roraima